

Viagem pelas belezas do Vale do Douro



Carlos Oliveira *

Como sempre, no período das férias, longe do bulício das praias e das confusões do trânsito caótico, aproveito para conhecer o país profundo, atractivos e belezas da nossa terra que muitos desconhecem, apesar de sempre se exaltar aquilo que vão descobrindo pelo estrangeiro, enquanto ignoram a história e os encantos localizados ao “pé da porta“.



Já percorri montes e vales por esse país fora, conheci terras de encantar e gente amiga e hospitaleira, mas o Douro é de uma imponência tamanha que, por muitas viagens que faça, fica sempre qualquer coisa para ver, para uma próxima aventura e oportunidade.

Recordo a viagem do ano passado, de comboio, desde o Porto até ao Pocinho, limite da Linha do Douro, que outrora seguia até Barca de Alva e depois entrava em Espanha pela Linha da La Frageneda, uma estrutura ferroviária construída em acidentada orografia, entre apertados túneis e pontes de madeira e ferro que impressionam pela sua grandeza e perigosidade.

Existem poucas paisagens no Mundo de tamanha grandiosidade como a região vinícola do Douro, zona do precioso “vinho fino” e de uma gastronomia afamada que não pede meças a ninguém.

A difícil tarefa de vencer os obstáculos, com malabaristas sistemas de cultivo da vinha, implantados desde que o Marquês do Pombal proclamou em 1756 o Douro como região demarcada, produziu cenários idílicos, uma paisagem soberba e inigualável, uma das mais imponentes do território nacional.

Voltei assim ao Douro, desta vez de carro, e bem cedo para perceber como começa o dia nesta região, onde sol ilumina os cachos e reflecte o saber de gerações, a virtude de um povo que se empenha pelo prestígio do país e produz um vinho único no Mundo, por muitas imitações que se faça, a coberto de entidades que, em vez de proteger o que é genuíno, mostram interesse pela amplitude do negócio paralelo.

Pela EN 222 chego a **Porto Antigo**, terra do explorador Serpa Pinto, ilustre cinfanense que desbravou caminhos em África, e pela **Ponte de Mosteirô** passo para a margem direita, contemplo os laranjais da **Pala**, a estação e a via-férrea junto ao rio e subo o Douro através da velhinha **EN 108**, felizmente agora com bom piso.

Depois da **Barragem do Carrapatelo**, eclusa que vence um dos maiores desníveis da Europa, este é



Clube Português de Autocaravanas

Rua Luís Stau Monteiro - Lote C3 - Loja C3A - Bairro dos Alfinetes – Marvila 1950-373 Lisboa
218594230 Fax:218591340 Email: cpa-autocaravanas@sapo.pt Site: <http://cpa-autocaravanas.com>

dos troços mais luminosos e acolhedores da região duriense, entramos em terras do outrora famoso Zé do Telhado, onde a paisagem sofre uma mudança radical.

O vale alarga, deixando de ter as margens agrestes que tinha a jusante, para se apresentar acolhedor e cheio de vida, onde sobressai as encostas com algumas casas solarengas, carregadas de história e que podiam potenciar o turismo de outra forma.

Um dia destes conto-vos a história da Casa do Lódão, ali na típica aldeia de **Boassas**, onde o turismo rural da região ganhou um argumento de peso, depois do investimento realizado pela família Cerveira Pinto.

Aqui o Douro possibilita os desportos náuticos, recordando com saudade as provas internacionais de motonáutica que juntavam milhares de adeptos e mais acima, na outra margem, as **Caldas de Aregos** recebem gente de todo lado para tratamento nas suas águas sulfurosas.

Avançamos em território de Baião e chegamos a **Stª Marinha do Zêzere**, ridente vila em zona de transição vitícola, que ganhou novo fôlego com o novo acesso a Resende através da **Ponte da Ermida**, travessia imponente sobre o Douro, projecto ousado de Edgar Cardoso e motivo de satisfação para Brito de Matos, ele que foi ilustre presidente da autarquia resendense em mais de duas décadas, concretizando um velho anseio sempre reivindicado.

Junto á **Estação da Ermida**, onde os comboios de cruzam com destino ao Porto e ao Douro Superior, fui descobrir a Casa da Venda, uma catedral gastronómica que vale a pena visitar, mesmo tendo em conta que os tempos agora são de rigor e de poupança...

O restaurante Barriga Farta, localizado junto à linha-férrea e a escassos metros do **Cais da Ermida**, vale por tudo, pelo enquadramento paisagístico, pelo ambiente clássico da casa, pela simpatia da patroa e, acima de tudo, pela fartura do menu especial, que nos presenteia com um cocktail de champanhe, sete entradas, oito sobremesas e dois pratos colossais: um divinal bacalhau com migas e nacos de tenra vitela arouquesa grelhada em molho especial, tudo acompanhado com um vinho que, não sendo verde nem maduro, ajusta-se perfeitamente a esta ementa tradicional e dá-nos motivação para prosseguir a jornada.

Passamos para a outra margem, e de novo na **EN 222**, percorremos a zona mais oriental do concelho de **Resende**, em direcção à Régua, numa aventura de centenas de curvas que nos permite perceber a amplitude da aposta deste município do Douro Sul na produção de cereja.

A partir daqui, volta o Vale do Douro a tornar-se estreito e com encostas por vezes íngremes, mas o destaque neste troço do rio é o Palácio de **Porto de Rei**, magnífico solar do século XVIII e dos edifícios mais imponentes das margens do Douro.

Sem estradas e sem casas na zona ribeirinha, o rio volta a ser selvagem e apenas com a linha de comboio e o túnel da Rapa, até parece que não aconteceu nada neste vale, mas logo à frente, ao chegar a **Barqueiros**, o Vale do Douro muda repentinamente de aspecto, com uma geologia diferente, alarga-se, deixando para trás as margens graníticas e mostrando a evidência de uma zona de xisto.

Entramos na terra do “Vinho do Porto” e as margens cobertas de vinhedos ganham outro encanto, não fosse esta a Região Demarcada do Douro, Património da Humanidade e um espaço de contemplação permanente, onde as encostas se transformaram em socalcos e o rio, outrora de caudal violento, foi domado pela força do homem e pelo betão das barragens.

Passamos por **S. João da Fontoura**, junto à Quinta da Massôrra, e entramos na freguesia de **Barrô**, a única do concelho de Resende a pertencer à Região Demarcada do Douro, descendo desde o alto das Serras das Meadas até ao rio, num desnível muito próximo dos mil metros.

A produção de vinho fino nesta zona de fronteira entre Resende e Lamego é já muito antiga, conforma atesta o marco pombalino depositado no Museu do Douro, mas não se pode esquecer o cultivo



da cereja, lustrosa e irresistível que, ao que dizem, é na zona da Ribeira do Barrô que se encontra a mais temporã do concelho.

Seguimos por **Penajóia**, terra de vinhas e cerejeiras, outrora conhecida pelas suas corajosas mulheres recoveiras, que em jumento batiam a região, depois **Cambres** e num instante passamos por **Lamego**, cidade histórica e religiosa, onde vale a pena subir a escadaria da **Senhora dos Remédios**, recordando o episódio do Veloso nos Lusíadas.

É tempo de partir e pela **A24** e chega-se à **Régua** num ápice, mas a visita prevista à Casa do Douro tem que ficar para outra ocasião, tamanho é o movimento rodoviário na entrada da cidade, onde estacionar o carro no período de verão é uma autêntica lotaria.

A Régua debruça-se sobre o Douro, face a uma cadeia de montes onde a pertinácia humana construiu o mais belo anfiteatro agrícola de Portugal e talvez do Mundo, emoldurado por milhares de videiras em formosos socalcos, adegas e quintas, muitas delas património que remonta ao labor monástico que caracterizou tempos mais recuados.

Hesito na orientação certa, esqueço Vila Real pela N2 e por St^a Marta de Penaguião e opto por virar à direita, junto ao rio, seguindo o trajecto da **M 313-1** onde a paisagem continua impressionante, permitindo ver a grandiosidade da obra da auto-estrada que segue para a capital de distrito, erguida em cotas diferentes, por cima dos socalcos e das vinhas, num notável projecto de engenharia que nos enche de orgulho.

No carro ouve-se “La Camisa Negra“, o êxito actual do espanhol Juanes, e o azul do céu convida a manter o espírito de aventura, sendo que o objectivo é chegar ao Miradouro de **S. Leonardo da Galafura**, onde Miguel Torga passou tempos de meditação e contemplação, num local de paisagem soberba, de cortar a respiração.

O autor dos Contos da Montanha nasceu ali ao lado e a sua visão telúrica sempre o impressionara. Algo terá este lugar incrível para tanto ter fascinado o poeta...

Mudo de estrada, agora mais estreita mas de bom piso e pelas encostas estendem-se os vinhedos em socalcos, já com cachos gordos e maduros em véspera de temporada de vindimas.

Impossível não aproveitar os poucos espaços livres nas bermas para parar e encher os olhos com a rudeza trabalhada da paisagem e sacar mais umas fotos para a colecção.

Chegados à aldeia da **Galafura**, já na partilha com Vila Real, nada se vê de especial, mas lá no alto espera-me **S. Leonardo**, um lugar mágico e um miradouro com uma paisagem incrível, de largos horizontes sobre o Vale do Douro, com as terras de Tabuaço, Armamar e S. João da Pesqueira ao alcance da vista.

A mais de 600 metros de altitude, o local proporciona um silêncio que brota da rudeza do xisto, um panorama fabuloso, de verdadeiro deslumbramento e percebe-se, de imediato, a razão de Miguel Torga chamar ao Douro um “poema geológico“, conforme relatam os seus textos incrustados em placas cravadas em rochas e numa lateral da capela local.

Lá no fundo, vislumbra-se a passagem esporádica do comboio, os barcos de cruzeiro que sulcam o rio são minúsculos, as quintas do Vinho do Porto evidenciam-se pela sua grandeza nas encostas de orografia acidentada, terras de Riba Corgo, que é uma das zonas mais belas do Douro, o verdadeiro centro da região duriense, onde as vinhas surgem quase tão bem tratadas como jardins, produzindo um vinho fino de excelência, que percorre mundo, apesar das falsificações que também já abundam.

São 17 km desde a Régua, mas vale a pena a viagem...quanto mais não seja pela possibilidade de libertarmos o espírito, regalar os sentidos e sair do “stress “ quotidiano que nos atormenta a vida, agora que a crise teima em se manter.

Há lugares mágicos em Portugal que teimamos em desconhecer e este é um deles. Se algum dia,



Clube Português de Autocaravanas

Rua Luís Stau Monteiro - Lote C3 - Loja C3A - Bairro dos Alfinetes – Marvila 1950-373 Lisboa
218594230 Fax:218591340 Email: cpa-autocaravanas@sapo.pt Site: <http://cpa-autocaravanas.com>

num misto de vaidade e gabarolice, alguém se ufanar, falando-lhe da sua última visita a Nova York ou à República Dominicana, não tenha pejo em perguntar-lhe: - E você, já foi ao miradouro de S. Leonardo de Galafura...?

Na hora de voltar a casa, atalhamos pela **A24** em direcção a **Castro Daire**, a rainha do Montemuro, não sem antes fazer uma curta paragem na aldeia típica do **Mezio** para refrescar a goela e provar o presunto fumado da **Ouvida**, local onde no início de Agosto o povo acorre em animada romaria junto à EN 2.

Desta vez descemos à base pelo **Vale do Paiva**, através da sinuosa **EN 225**, que na jurisdição da Direcção de Estradas de Viseu tem melhor tratamento do que no território aveirense, paramos junto da mini-hídrica da Ermida para comprovar que, apesar das obras ali registadas, o rio corre limpo e de caudal reduzido.

Concluimos o périplo com uma visita à Igreja Românica da **Ermida**, ali junto ao Paiva, templo religioso de finais do século XII, que até entristece pelo estado de abandono que se constata na zona envolvente, uma vergonha num monumento nacional que deveria merecer, por certo, uma melhor atenção do IPPAR e da entidades locais.

A igreja fez parte de uma antiga estrutura conventual ligada aos frades agostinhos, sendo notável pela ornamentação dos seus medilhões e capitéis historiados, e já foi denominada Templo das Siglas, tamanha é a quantidade de inscrições nas cantarias do edifício.

Terminado o passeio, voltarei para lhe contar as peripécias de uma fugaz visita às Bodegas de El Perdigon, ali na periferia da cidade espanhola de Zamora, onde em caves subterrâneas se come do melhor “jamon”, uns saborosos enchidos e umas boas costeletas de borrego, tudo regado com um tinto especial da região que nos faz trocar os olhos em três tempos. Até lá...



Clube Português de Autocaravanas

Rua Luís Stau Monteiro - Lote C3 - Loja C3A - Bairro dos Alfinetes – Marvila 1950-373 Lisboa
218594230 Fax:218591340 Email: cpa-autocaravanas@sapo.pt Site: <http://cpa-autocaravanas.com>